

Campo Científico e Transversalidade Epistemológica: olhares a partir da Comunicação Organizacional

Talles Rangel Rodrigues Correio¹

Resumo: este artigo tem por objetivo geral identificar como o conceito de campo científico, preconizado por Bourdieu (1976; 1983), é apreendido pela Comunicação Organizacional. Paralelamente busca compreender o papel da transversalidade epistemológica na constituição da Comunicação Organizacional para, então, compreender a inter-relação entre a institucionalização da Comunicação Organizacional no Brasil e o pressuposto de microcosmo delineado por Bourdieu (1976; 1983). Metodologicamente, o trabalho desenvolve pesquisa bibliográfica e análise documental a partir de fontes que asseveram sobre o ensino a pesquisa e a difusão do conhecimento em Comunicação Organizacional. O fio condutor do trabalho centra-se na crise de legitimação impingida pela Associação dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. A título de hipótese, entende-se que frente a tal crise de legitimação, a Comunicação Organizacional contorna a crise por meio de seu capital científico que lhe confere lastro e mantém a solidez de suas investigações.

Palavras-chave: Campo Científico, Epistemologia, Comunicação Organizacional

Introdução

Se a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais, então os cientistas são homens que, com ou sem sucesso, empenharam-se em contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica.
Thomas Samuel Kuhn. *A Estrutura das Revoluções Científicas*.

A reflexão preconizada pelo filósofo da ciência Thomas Kuhn nos remete para a dimensão humana do conhecimento científico. Nesse sentido, também presente no mesmo livro, o filósofo apresenta uma de suas grandes contribuições à Filosofia da Ciência que se plasma por meio do conceito de paradigma(s) da ciência. Segundo o autor, um paradigma científico pode ser compreendido a partir do conjunto de ideias, pensamentos, teorias e métodos aceitos por determinada comunidade científica (c.f. KUHN, 2011). Nesse eixo, acrescentaria que a noção de paradigma passa necessariamente pela dimensão espaço-temporal. Logo, um caminho possível e defendido neste trabalho é que o pressuposto de paradigma se descortina a partir de uma

¹ Possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e especialização em Gestão Estratégica de Comunicação Organizacional e Relações Públicas pela Universidade de São Paulo (USP). É mestrando em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e trabalha na chefia de reportagem da Rede Bandeirantes de Televisão (BAND).

associação de conceitos, teorias e métodos partilhados por determinada comunidade científica circunscrita em um tempo e espaço determinados.

Essa acepção é essencial para o eixo central que pretendemos desenvolver neste artigo. Como ponto de partida, pretendemos observar a partir da Comunicação Organizacional a noção de campo científico, preconizada por Bourdieu (1976; 1983), em justaposição ao pressuposto de transversalidade epistemológica desenvolvido por Braga (2010). Essas duas diferentes frentes de observação da ciência e do desenvolvimento do conhecimento científico nos servem de embasamento para asseverar a hipótese geral de nosso trabalho, segundo a qual a corrente brasileira de estudos da Comunicação Organizacional configura-se como um microcosmo relativamente autônomo dentro do campo científico. Esse pressuposto assumido desde pronto encontra lugar na medida em nossa compreensão de comunicação organizacional se constrói por meio da transversalidade, caminho epistemológico pelo qual se busca a autonomia do campo científico da Comunicação. Assim, pensar um microcosmo “relativamente” independente não significa dizer que tal frente de estudo não tenha subsídios para alcançar o status de uma disciplina, mas sim a busca da compreensão da transversalidade como vereda para encontro da Comunicação Organizacional como escopo do campo científico da Comunicação.

Acreditamos que a verificação desse pressuposto geral passa necessariamente não apenas pelas reflexões já alinhavadas pelos pesquisadores da corrente brasileira, como também e, principalmente, pelo tocante à institucionalização no campo da Comunicação Organizacional. Nesse sentido, nossos objetivos consistem em verificar de que modo a noção de campo científico, preconizada por Bourdieu (1976; 1983), se apreende pela Comunicação Organizacional; entender qual o papel da transversalidade epistemológica para o campo científico da Comunicação Organizacional; por fim busca-se tecer uma inter-relação entre a institucionalização da Comunicação Organizacional no Brasil e o pressuposto de “microcosmo relativamente independente” que circunscreve-se no interior do campo científico.

Metodologicamente, nosso trabalho parte de revisão bibliográfica para levantamento dos conceitos que se pretende operacionalizar. Conforme já dito, as noções de “campo científico”, “capital científico” e “microcosmos relativamente independentes” são levantadas a partir dos escritos de Bourdieu (1976; 1983; 2004); a ideia de transversalidade epistemológica, bem como as reflexões sobre a o estatuto

disciplinar de área de conhecimento da comunicação são buscadas em Braga (2010); a ponte entre os estudos epistemológicos de comunicação e os pressupostos teóricos de Bourdieu é construída por meio de Romancini (2006). Após o levantamento bibliográfico, o trabalho faz análise documental a partir de documentos referentes ao ensino, pesquisa e difusão do conhecimento em Comunicação Organizacional. O escopo do trabalho compreende as publicações da Revista Organicom, a criação e a realização dos congressos da Abrapcorp, bem como publicações teóricas de cunho individual e coletivo.

A crise da legitimação dos agentes e a restauração a partir do capital científico

O debate em torno do campo científico tem nascimento no âmbito da década de setenta, do século XX, quando Pierre Bourdieu publica pela primeira vez o texto *Le Champ Scientifique* na revista francesa *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, em 1976. Com o propósito de questionar os usos sociais da ciência, bem como de compreender uma perspectiva que englobasse uma espécie de ciência social da produção científica. Nesse eixo de raciocínio, Bourdieu (2004) assevera que qualquer produção simbólica cultura seja de cunho histórico, literário, artístico, filosófico ou do âmbito da ciência tem ou podem ter pretensões científicas. Entretanto, o que marca ou caracteriza o campo científico? Quais as dimensões de alcance do campo? Há invariantes entre os campos científicos seja ele literário, filosófico, histórico ou da Comunicação?

É justamente no texto *Le Champ Scientifique*, literalmente O Campo Científico, que fora traduzido anos mais tarde no Brasil para obra de Renato Ortiz (1983), um de seus discípulos, em que Bourdieu alinhava invariantes observáveis em várias frentes do conhecimento. Observa o sociólogo francês que a complexidade do campo perpassa meramente o caráter da produção simbólica do conhecimento, por meio de teorias, métodos ou outras abordagens do saber inerentes ao fazer científico. Muito mais que o trabalho final do investigador, o campo é marcado desde os processos que envolvem a institucionalização do conhecimento seja como área ou como disciplina² até as posições

² Uma reflexão mais aprofundada sobre o estatuto disciplinar, bem como a situação da Comunicação nesse processo é desenvolvida adiante no subtópico sobre a transversalidade epistemológica na qual procuramos problematizar a Comunicação Organizacional circunscrita na área de Comunicação.

dos agentes que congregam determinado campo, bem como a legitimação das frentes de conhecimentos e saberes que são delineados pelos agentes.

Nesse sentido, podemos lançar aqui uma articulação entre o conceito de paradigma e campo científico. Se por um lado, a partir da leitura que fazemos de Kuhn (2011), o paradigma é o conjunto de teorias e métodos partilhados por uma comunidade científica circunscrita em um tempo e espaço, por outro lado vemos que a noção pode ser maior que a noção de paradigma. O campo científico operaria como uma espécie de invólucro que abarcaria dois ou mais paradigmas na medida em que uma invariante fulcral do campo, segundo Bourdieu (1976; 1983), são os embates entre os agentes que operacionalizam o campo. Nesse sentido, nossa proposição poderia ser observada a partir do campo da Comunicação no Brasil onde está localizada a Comunicação Organizacional, conforme a institucionalização da área, onde se percebe e se apreende diversos embates entre os agentes.

Sobre esse traço do embate observado na área de Comunicação do Brasil, que se apresenta como uma invariante da ideia de campo científico traçado por Bourdieu (1976; 1983), parece-nos emblemático o caso da exclusão da Comunicação Organizacional do espaço de difusão científica no âmbito dos congressos da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil. Um olhar mais atento mostra que a fragilidade não está na institucionalização, mas sim na legitimação frente os agentes que formam o campo. A nosso ver, a legitimação frente os demais agentes do campo é diferente da legitimação da institucionalização disciplinar. Isto porque, esta última se assegura não de modo axiomático, mas sim pelo lastro de sua produção científica, que se apresenta por meio de investigações em nível de graduação e pós-graduação, bem como por seus canais de difusão da produção científica.

Frente esse emblemático episódio, a nosso ver, é justamente o capital científico que confere lastro à legitimação da institucionalização disciplinar. Nesse eixo de raciocínio, chegamos a um dos pontos centrais deste trabalho o de que há, no caso da Comunicação Organizacional, uma clara diferença entre a crise de legitimação entre parte dos agentes do campo e a “restauração” da Comunicação Organizacional que se mantém solidamente alicerçada por seu capital científico que chamamos aqui de legitimação da institucionalização disciplinar. Se por um lado vê-se uma tentativa de deslegitimação da Comunicação Organizacional por parte dos agentes do campo da

Comunicação, fica claro por outro que o sólido capital científico contorna essa tentativa de deslegitimação.

Nesse sentido, Romancini (2006, p. 77) em seu estudo doutoral faz releitura dos escritos de Bourdieu acerca dos embates presentes em determinado campo científico e nos explica que em tais embates “afirma-se o caráter político de todas as posições, mesmo aquelas que resultam em avanço científico”. No caso de nosso olhar para a Comunicação Organizacional talvez não seja adequado falar em avanço científico, mas sim de contorno frente à crise de legitimação perante os agentes. Ainda nessa perspectiva, Romancini esclarece que:

A inserção da política e da disputa, na estrutura dos campos, não conduz à ideia de que o campo científico é, por isso, pura estratégia. O que é criticado por Bourdieu é sempre o recurso a recursos alheios ao campo científico. A razão estratégica dos agentes num campo não é sempre uma razão instrumental. (2006, p. 78)

Por capital científico, à luz do pensamento de Bourdieu (1976; 1983), entendemos aqui neste trabalho não apenas o percurso teórico desenvolvido pelos pesquisadores, mas também as iniciativas para fomento e difusão do conhecimento em Comunicação Organizacional, bem como a formação de novos pesquisadores no âmbito dos programas de pós-graduação. Destaca-se aqui o trabalho desenvolvido pela Revista *Organicom* que é editada semestralmente, bem como a atuação da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Relações Públicas. Tais iniciativas são abordadas mais a frente.

Se, conforme pontuou Romancini (2006), em releitura ao texto de Bourdieu (1983), o campo científico é:

Um espaço de lutas entre os diferentes agentes que se posicionam diferencialmente em seu espaço (conforme sua origem e trajetória), lutando pela apropriação/redefinição de um capital específico; este capital é desigualmente distribuído, o que corresponde a posições dominadas e dominantes dentro do campo. [...] Um campo define-se pela demarcação dos objetos de disputa e dos interesses científicos que são irreduzíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios. (ROMANCINI, 2006, p. 78).

Esta reflexão de Romancini (2006) encontra consonância com o caminho preconizado por sociólogo Pierre Bourdieu (1983, p. 02) quando explica que o “próprio funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse (as práticas científicas não aparecendo como “desinteressadas” senão quando referidas a

interesses diferentes, produzidos e exigidos por outros campos)”. Essa teia de significações sobre o campo científico e articulação à problemática da crise de legitimação impingida pela Compós em relação Comunicação Organizacional nos conduz à verificação do primeiro objetivo de nosso trabalho que versa sobre como a noção de campo científico é apreendida e observada desde os olhares da Comunicação Organizacional.

Defronte a esse cenário, parece-nos pertinente convocar uma reflexão de Bourdieu (2011) sobre sociologia da arte, mas que é importante para se pensar o movimento dialético para se pensar o status quo da Comunicação Organizacional frente ao embate aqui traçado. Conforme nos explica o sociólogo:

Mormente em sociologia da arte e da literatura, a ruptura com as pré-noções que constitui a condição da construção do objeto de ciência só pode se realizar através da ciência do objeto que é a mesma ciência das pré-noções contra as quais a Ciência constrói seu objeto. (BOURDIEU, 2011, p. 184).

Esse excerto nos abre caminho para um importante ponto encontrado na obra de Bourdieu (2004) que se firma por meio do entendimento dos campos como microcosmos relativamente independentes ou autônomos. Tal pensamento se configura “entre as interpretações que podem ser chamadas internalistas ou internas e aquelas que se pode chamar externalistas ou externas” (BOURDIEU, 2004, p. 19). Isso significa que na abordagem que inúmeras correntes de pensamento fazem, abarcando desde a Semiologia até o materialismo histórico, a lógica de pensamento se pauta pela seguinte dicotomia: uma de que a compreensão dos significados de uma produção simbólica dos conhecimentos estão essencialmente imanentes à própria obra e, por outro lado, uma frente que assevera que apenas um olhar do contexto é que pode apreender os significados seja de uma teoria ou de uma geração simbólica. A Semiologia e o materialismo histórico representam bem essa dicotomia³.

Fugindo dessa dicotomia, problemática aos olhos de Bourdieu (2004), é que o sociólogo delinea a noção de campo científico, justamente para compreender a complexidade das produções simbólicas seja nas artes como na Ciência. Nesse eixo de raciocínio, o sociólogo explica que:

³ Em BOURDIEU, Pierre. As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia das Letras, 1992. O autor desenvolve amplamente esse pensamento com farta quantidade de exemplos no campo das artes. Por uma questão de recorte temático não vamos nos aprofundar nesse tema.

Para compreender uma produção cultural (literatura, ciência etc.) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto. [...] Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois polos, muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo o *campo literário, jurídico, artístico ou científico*⁴, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. (BOURDIEU, 2004, p. 20).

É justamente essa imbricação entre os agentes e as instituições que verificamos nosso segundo objetivo no tocante à Comunicação Organizacional como microcosmo relativamente autônomo dentro do campo da Comunicação. A nosso ver, percebemos uma ambivalência. Tal ambivalência se mostra na medida em que se pensa a relatividade da autonomia. Por um lado, em que se encontram determinados agentes, a Comunicação é deslegitimada, logo não possui autonomia. Com a devida vênia, discordamos de tal posicionamento. Edificamos nossa reflexão justamente a partir da contradição que se observa claramente na tentativa de deslegitimação da Comunicação Organizacional. Isto porque, o capital científico da Comunicação Organizacional de pronto já se observa como sólido lastro a partir dos agentes que se propõem ao desenvolvimento científico da Comunicação Organizacional, bem como o aval das instituições, aqui representadas por meio das agências de fomento, que seguem financiando projetos de pesquisa. Ainda pode-se citar o sólido trabalho há muito desenvolvido nas linhas de pesquisa em programas de pós-graduação no País.

Nesse sentido a questão da Comunicação Organizacional como microcosmo relativamente autônomo passa ser, a nosso ver, uma questão do ângulo do olhar do agente no âmbito do campo científico. Um olhar de ares míope que mira a vista meramente para a questão dos embates imanentes ao campo certamente não apreenderá o desenvolvimento delineado pela Comunicação Organizacional que ora se observa pela sólida corrente brasileira. Entretanto, aos direcionar o olhar para a questão do capital científico alinhavado pela Comunicação Organizacional vemos o outro lado da ambivalência, a da autonomia do microcosmo. É um exercício de sincronismo na medida em que o capital científico outorga a autonomia e a autonomia só se afirma perante às instituições de produzem, reproduzem e difundem a ciência por meio do capital científico.

⁴ Grifos no original.

A seguir apresentamos o pressuposto de transversalidade epistemológica, a partir do pensamento de Braga (2010), e mostramos como uma nova perspectiva de disciplina se aproxima do estatuto disciplinar não só do campo da Comunicação, mas principalmente da Comunicação Organizacional. Por fim, cotejamos experiências concretas do capital científico que descortinam claramente as contradições da deslegitimação da Comunicação Organizacional e demonstram faces de uma corrente brasileira.

A transversalidade epistemológica e o estatuto disciplinar da comunicação organizacional

Conforme já pontuamos em trabalho anterior Rodrigues (2014), a questão da transversalidade epistemológica deve ser vista pensada no âmbito de uma perspectiva que concebe o conhecimento como histórico. Isso significa que o esforço de pensar a transversalidade requer um olhar para o percurso que estatuto disciplinar das disciplinas desenvolveu ao longo dos últimos tempos, especialmente do século XIX em que se vê a edificação de várias disciplinas e a questão de seu estatuto hoje. Seguindo os passos de Braga (2010) vemos que as disciplinas canônicas que se estruturaram no transcorrer do século XIX foram visceralmente marcadas pelo paradigma positivista, o qual preconizava que o estatuto disciplinar atingia a completude a partir da clara e racional definição do objeto de estudo e do método. Assim transcorreu com a sociologia, a psicologia, antropologia, história.

O argumento de Braga (2010) que nos interessa é justamente o que questiona o estatuto disciplinar calcado na lógica positivista do objeto + método. Segundo o autor, movimentos transversais no interior de duas, por exemplo, fizeram surgir uma terceira. Note-se o caso da sociologia jurídica, bio-medicina, bioquímica. Tais fenômenos provocaram o que Quiroga Fausto Neto (2009) “derretimento” das disciplinas canônicas, ou seja, o estatuto que assegurava o status de disciplina não mais se mantém frente a complexidade de novos objetos e novos fenômenos dentro das áreas do conhecimento já consolidadas. Nesse sentido, Braga (2010) chama a atenção para o fato de que o objeto da Comunicação se constitui na dimensão conceitual e não concreta como antes asseverara a lógica positivista da ciência.

Esse câmbio epistemológico é observado também na Comunicação Organizacional haja visto que sua própria formação tem caráter híbrido na medida em que se interessa pelos fenômenos da comunicação no âmbito das organizações. Nesse sentido, o próprio surgimento da Comunicação Organizacional já demonstra que a operacionalização de sua lógica de formação demanda necessariamente o esforço de transversalidade que une a Comunicação às Teorias das Organizações, antes vista apenas no âmbito da Administração. Nesse sentido, verifica-se que a transversalidade configura-se como elemento *sine qua non* da natureza constitutiva da Comunicação Organizacional. Logo, podemos inferir que seu estatuto disciplinar não passa pela obsolescência do “derretimento” das disciplinas canônicas, pois sua constituição já emerge na dinâmica da transversalidade⁵.

O capital científico e as contradições da crise de legitimação dos agentes

Durante a primeira parte do trabalho mostramos que o capital científico da comunicação organizacional é o fator que dá lastro para esta área de conhecimento e é per meio dele que se consegue sobressair frente à crise de legitimação impingida por determinados agentes do campo científico da Comunicação. Mostramos também que tal cenário se caracterizou perante uma decisão arbitrária excluiu a Comunicação Organizacional do rol de temáticas de exploração científica da Comunicação. Conforme ficou demonstrado na primeira parte do artigo, trata-se de um claro fenômeno das lutas e embates entre agentes de um campo científico. Tal situação ilustra as reflexões que Bourdieu (1976; 1983) já preconizara em seus escritos na revista *Actas de La Recherche em Sciences Sociales*.

Nosso intuito nesta final centra-se em cotejar parte desse capital científico de modo a externar as contradições dessa “crise” de legitimação da Comunicação Organizacional e mostrar por meio do capital científico que a área não passa por uma crise de legitimidade fora do olhar de tais agentes que forma o campo científico da comunicação e que estão diretamente ligados à exclusão da Comunicação

⁵ A íntegra do texto de Braga (2010) contempla uma preciosa metodologia para se refletir a transversalidade epistemológica no âmbito de uma disciplina. A partir de sete matrizes, o autor propõe um modelo bastante lúcido para se refletir o estatuto disciplinar frente às novas configurações que as disciplinas assumem fora de uma lógica positivista. Em Rodrigues (2014) utilizamos tais matrizes para problematizar produção científica reunida nos anais da Abrapcorp. Não vamos retomar aqui as matrizes por uma questão de foco temático e de espaço.

Organizacional do rol temático dos congressos realizados anualmente pela Associação Brasileira dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. Ao arrolar parte desse capital científico, não buscamos uma análise de conteúdo dele, mas sim uma articulação entre o capital científico e as instituições que estão imanentes ao campo científico, sendo essas instituições as mesmas que os agente que promulgaram a exclusão da Comunicação Organizacional da Compós buscam para dar legitimidade a seus próprios constructos teóricos.

Desta forma, a parte do capital científico selecionado assevera sobre a institucionalização do estatuto disciplinar da Comunicação Organizacional a partir de: publicações coletivas, associação científica, linhas de pesquisa em programas de pós-graduação, periódico científico, bem como docentes bolsistas de produtividade. Evidentemente que, ao selecionar apenas essa parte do capital científico, estamos cientes do enorme escopo que fica de fora. Entretanto, seria impossível arrolar fielmente toda produção que se desenvolveu ao longo de décadas em um artigo.

A primeira década dos anos 2000 foi especialmente importante marcante para a Comunicação Organizacional no Brasil. Isto porque, na consolidação de sua dimensão científica vemos duas grandes iniciativas que reforçam a institucionalização de seu estatuto disciplinar através da criação da Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas - Organicom que ora encontra-se já com dezenove volumes lançados semestralmente ao longo de onze anos. É pertinente destacar que a o sistema Web Qualis⁶ avaliou o periódico como B1⁷. A outra importante iniciativa é o surgimento da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas - Abrapcorp que promove congressos anuais, em nível nacional, com a inserção de experiências de pesquisas que abarcam desde trabalhos de iniciação científica até investigações de doutoramento, bem como pesquisas desenvolvidas por pesquisadores de perfil sênior. Ainda em relação aos congressos promovidos pela Abrapcorp é pertinente destacar a difusão das pesquisas delineadas ao longo do congresso através da publicação as principais conferências sobre a temática abordada em cada ano. Nesse sentido, nota-se a tendência para publicações de âmbito coletivo por meio das coletâneas.

⁶ Sistema vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que, dentre outros, avalia a qualidade dos periódicos científicos do país.

⁷ C.f. <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/publico/pesquisaPublicaClassificacao.seam>

Uma questão que nos chama a atenção é em relação a concessão de bolsas de produtividade à comunidade que se dedica à pesquisa acadêmica. Esse fato, a nosso ver, marca a contradição da deslegitimação de parte dos agentes do campo da Comunicação na medida em que essas bolsas são concedidas mediante rigorosas exigências do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. São outorgadas apenas a pesquisadores com perfil sênior. Nesse percurso, localizamos três pesquisadores contemplados com bolsa de produtividade, sendo um docente nível 1B e outros dois bolsistas nível 2, conforme a plataforma Lattes⁸.

Por fim percorremos outra vereda institucionalização da Comunicação Organizacional em nível de pesquisa científica a partir das linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação. Dentre os programas que selecionamos para esse cotejamento destacamos os seguintes:

Quadro 1 - Institucionalização da Comunicação Organizacional em nível de pesquisa científica a partir das linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação

Instituição	Linha de Pesquisa	UF
USP	Políticas e estratégias de comunicação	SP
UMESP	Comunicação institucional e mercadológica	SP
PUC-Minas	Midiatização e processos de interação	MG
PUC-RS	Práticas profissionais e processos sociopolíticos nas mídias e na comunicação das organizações	RS
UFRGS	Mediações e representações culturais e políticas	RS

Fonte: autor

Frente aos aspectos da institucionalização do ensino e da pesquisa em Comunicação Organizacional verifica-se que o capital científico confere status de autonomia para a área de conhecimento na medida em que seus sustentáculos cobrem

⁸ C.f. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>

todas as instâncias que perpassam a institucionalização e atingem a reflexão epistemológica do campo científico.

Considerações Finais

A proposição de olhar para o conceito de campo científico, preconizado por Pierre Bourdieu, a partir dos olhos e das vivências da corrente brasileira de pesquisadores de Comunicação Organizacional teve sua pertinência no sentido de compreender certos fenômenos que, ao serem problematizados à guisa dos escritos do sociólogo francês, nos proporcionaram melhor entendimento da situação da Comunicação Organizacional no Brasil e seus tensionamentos.

Pudemos verificar que o objetivo geral de nosso trabalho, o de compreender o modo como o conceito de campo científico é apreendido pela Comunicação Organizacional, não soe apreensível como também revelas facetas até então discutidas em menor escala. Mostrou também a visceral funcionalidade do capital científico como lastro da legitimação e consolidação da institucionalização da Comunicação Organizacional mesmo frente à tentativas de deslegitimação. Tentativas que após nossa observação mostraram-se frágeis e inconsistentes diante da solidez do capital científico.

Nesse percurso, o papel e a natureza da transversalidade epistemológica mostraram que a Comunicação Organizacional emerge já em um contexto transversal. Fato que reafirma seu estatuto epistemológico e assevera seu processo no âmbito da institucionalização. Com relação a nossa hipótese geral, observamos que ela se confirma e que cada sustentáculo do capital científico, seja por meio do Periódico, da Associação, dos bolsistas de produtividade ou pelos programas de pós-graduação que se dedicam ao estudo da comunicação organizacional tem papel preponderante para a solidez do capital científico.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo Editora UNESP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Le Champ Scientifique**. Actes de la Recherche em Sciences Sociales. N. 2/3, 1976.

BRAGA, José Luiz. Disciplina ou Campo: a consolidação dos estudos de comunicação. In: FERREIRA, Jairo (Org.). **Estudos de Comunicação: transversalidades epistemológicas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

KUHN, Thomas Samuel. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 10 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

QUIROGA FAUSTO NETO, Tiago. **Comunicação, Andanças, Restauração: possibilidades de uma episteme comunicacional**. São Paulo, 2009, Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Talles Rangel. **Transversalidade Epistemológica: veredas para a edificação de uma episteme da Comunicação Organizacional**. São Paulo, 2014, Monografia (Especialização) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

ROMANCINI, Richard. **O Campo da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico**. São Paulo, 2006, Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

Scientific Field and Epistemological Transversality: looks from the Organizational Communication

Abstract: This article aims to identify how the concept of scientific field, advocated by Bourdieu (1976, 1983), is apprehended by the Organizational Communication. In parallel, it seeks to understand the role of epistemological transversality in the constitution of Organizational Communication in order to understand the interrelation between the institutionalization of Organizational Communication in Brazil and the presupposition of microcosm outlined by Bourdieu (1976, 1983). Methodologically, the work develops bibliographic research and documentary analysis from sources that assert on teaching the research and the diffusion of knowledge in Organizational Communication. The guiding thread of the work focuses on the crisis of legitimation imposed by the Association of Graduate Programs in Communication. As a hypothesis, it is understood that in the face of such a crisis of legitimacy, the Organizational Communication circumvents the crisis through its scientific capital, which gives it strength and maintains the solidity of its investigations.

Keywords: Scientific Field, Epistemology, Organizational Communication

Campo Científico y Transversalidad Epistemológica: olhares a partir da Comunicação Organizacional

Resumen: Este artículo tiene como objetivo general identificar el concepto de campo científico, preconizado por Bourdieu (1976, 1983), é apreendido pela Comunicação Organizacional. Paralelamente busca el papel de la transversalidad epistemológica en la constitución de la comunicación Organizacional para, entonces, una interrelación entre una institucionalización de la comunicación organizacional no Brasil y un pressupuesto del microcosmo delineado por Bourdieu (1976, 1983). Metodologicamente, el trabajo desarrolla la investigación bibliográfica y la documentación analítica a partir de fuentes que asegura sobre el aprendizaje a la investigación y la difusión del conocimiento en la comunicación organizacional. O fio condutor del trabajo centrado en la crisis de legitimación impingida por la Asociación de Programas de Pós-Graduación en

Comunicación. A título de hipótesis, entente-se que frente a una crisis de legitimación, una Comunicação Organizacional contorna a crisis por medio de su capital científico que el confere lastro y mantém una solidez de sus investigaciones.

Palabras clave: Campo Científico, Epistemologia, Comunicação Organizacional

Recebido: 07.10.2015

Aceito: 04.04.2016